

Lixo torna a Ceilândia um caos

Administrador acusa o SLU que não passa na cidade há oito dias

AQUIM FIRMINO

"O lixo está invadindo a Ceilândia". A afirmação foi feita ontem pelo administrador regional da satélite, Clarindo Rocha, preocupado com as proporções de entulhos e rejeitos domésticos, espalhados por toda a cidade. Há locais, como a Feira Central, em que o lixo não é recolhido pelo Serviço de Limpeza Urbana (SLU) há oito dias, segundo depoimento de feirantes.

De acordo com o administrador, a situação chegou a tal ponto que cada feira formará uma comissão com o objetivo dos próprios feirantes efetuarem a limpeza e conservação do local. Ele revelou que o desconforto para a comunidade é intenso e a Administração Regional não dispõe de carros ou pessoal para a coleta do lixo. "Há meses isso vem ocorrendo porque o SLU não foi atualizado para atender ao crescimento da demanda", disse, lembrando que os equipamentos do órgão são "obsoletos".

SUJEIRA

Como a coleta diária de lixo não está sendo feita, em locais de grande movimento reinam a sujeira e o mau cheiro. Há ruas inteiras com sacos de restos de comida e detritos amontoados; nas feiras, tradicionais na realidade do povo ceilandense, a população é obrigada a adquirir frutas e carnes cobertas de moscas. "Os riscos de doenças existem e são iminentes. Se o

SLU não pode fazer a coleta e não há como se reequipar com brevidade, deveria ser estudada a possibilidade de entregar seus serviços a empresas particulares", disse Clarindo Rocha.

O problema é crítico na Feira Central, que recebe detritos também do comércio nas proximidades. "Não dá para calcular cada tipo de lixo que é jogado aqui, porque há ainda de residências. Sabemos que tem desde papel higiênico até garrafas e sapatos", disse Pedro Rodrigues da Costa, que aluga carros para frete". O feirante Neillson Bezerra de Freitas ressaltou a imagem que Ceilândia tem frente ao resto do DF: "Se a feira sempre foi visitada por pessoas de fora, sendo o único lugar da satélite onde isso acontece, dessa vez os fregueses se afugentaram".

"Até cachorro morto tem na minha rua", disse a dona-de-casa Marlene de Vasconcelos, residente na Ceilândia Norte. Ela conta que os moradores estão revoltados com o acúmulo de lixo. "De que adianta a gente pagar imposto, se o SLU não recolhe nada?", perguntou. E é a própria comunidade que, em diversos locais, resolve fazer alguma coisa para evitar o agravamento do problema, colocando fogo sobre os detritos. "Veja só: são 11h e o lixo não foi recolhido", admirou-se Marcelo Santos, comerciário, residente no Setor P Sul.

População culpa governo

Convivendo com o mau cheiro, a população culpa as autoridades responsáveis e espera providências. "O erro é da prefeitura", disse um morador. "É o GDF que se esquece de nossa cidade", afirmou outro. Enquanto isso, são as crianças as que mais correm risco de contrair doenças. Em especial, os pequenos catadores de lixo, que recolhem dos amontoados de detritos garrafas, papéis e objetos de metal, para vendê-los aos ferros-velhos.

A grande maioria, quando não vive disso, ajuda de forma significativa a família. Descalços e sem qualquer proteção, Anderson, Wendy e Wilson, de

nove e dez anos de idade, passam o dia recolhendo os dejetos que lhes rendem cerca de Cz\$ 200 diariamente. Se a ineficiência do SLU é incômoda para a comunidade, "para nós, quanto mais lixo melhor", diz Anderson.

Adão Rodrigues tem 15 anos e ajuda a sustentar seus pais e seis irmãos pequenos. Em sua opinião, "a fase continua na mesma, porque a gente sempre encontra alguma coisa para vender". Já o adolescente Reginaldo Paulo de Farias, 17 anos, costuma catar ferro-velho num terreno baldio do Setor P Sul para ele mesmo. "Compro roupas e material escolar", afirmou.

Brasil rebate acusações

O superintendente do SLU, Brasil Américo, negou que a empresa tenha despejado lixo hospitalar num terreno no setor P Sul da Ceilândia. "Para lá só são levados os rejeitos da Usina Central de Tratamento de Lixo da Ceilândia. Não chega no local nenhuma espécie de lixo orgânico ou hospitalar", disse.

Os rejeitos são sobre do lixo já processado, que não tem valor comercial. Segundo Américo, as seringas e injeções que apareceram no noticiário de TV não foram depositadas pelo SLU. "Este tipo de material pode ser encontrado até mesmo em lixo doméstico. Alguma dona-de-casa ou proprietário de farmácia pode ter jogado o lixo all".

Ele também negou a notícia, publicada por um jornal, de que haviam sido encontrados pedaços de corpo humano junto ao lixo. "Isto não é verdade. Os hospitais têm câmaras apropriadas para guardar este tipo de coisa. E dall só são retirados para serem enterrados em covas apropriadas, nos cemitérios de Taguatinga e do Plano Piloto. Nós fazemos a coleta em separado".

O lixo hospitalar, segundo Américo, está sendo depositado temporariamente no aterro sa-

nitário da empresa, na Via Estrutural, próximo ao Jockey Clube. "Todo o lixo, inclusive os rejeitos da Ceilândia, são enterrados em valas de três metros de profundidade". Brasília produz diariamente 700 toneladas de lixo. A Usina da Ceilândia tem capacidade para processar 600 toneladas, enquanto a da Avenida das Nações pode receber mais 100.

— O restante vai junto com o lixo hospitalar para o aterro sanitário, onde são enterrados, com o acompanhamento de um engenheiro — disse.

O engenheiro-chefe da Usina da Ceilândia, Cláudio Rachid Dias, no entanto, disse que o lixo ficou acumulado no local durante mais de uma semana porque o trator de esteira, usado para transportá-lo até as crateras, onde são enterrados, estava quebrado, "mas ontem as máquinas já voltaram a funcionar", afirmou.

O secretário de Saúde, Laércio Valença, disse que a provisão imediata que será tomada até a usina de incineração — quebrada há três meses — ficar pronta, é enterrar o lixo em covas mais profundas para evitar os catadores. Segundo ele, apenas em Brasília e São Paulo existe usina deste tipo.